

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
CURSO DE TRADUÇÃO

Guilherme Vinícius Pereira Ribeiro



**Ruth Guimarães tradutora:
Uma mulher pós-colonial**

Uberlândia/MG

2022

Guilherme Vinícius Pereira Ribeiro

Ruth Guimarães:
Tradutora

Monografia apresentada ao Curso de Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Tradução. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Paula Godoi Arbex.

Uberlândia/MG

2022

Guilherme Vinícius Pereira Ribeiro

**Ruth Guimarães:
Tradutora**

Monografia apresentada ao Curso de Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Tradução. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Paula Godoi Arbex.

Banca de Avaliação:

Profa. Dra. Paula Godoi Arbex – UFU
Orientadora

Prof. Dr. Sérgio Marra de Aguiar – UFU
Membro

Prof. Dr. Ricardo Alves dos Santos – UNIPAC/Uberlândia
Membro

Uberlândia (MG), 28 de março de 2022

Agradecimentos

Há muitas pessoas e muitos momentos aos quais sou grato, e que contribuíram para que eu pudesse concluir tanto este trabalho quanto permanecer todos estes anos na graduação.

Primeiramente, agradeço às pessoas que me apoiam desde muito antes de saber o que é a Academia, que sempre me impulsionaram desde quando era uma criança temerosa e cheia de receios no primeiro dia de aula no jardim de infância. Se não fosse pela Dona Joseane e pelo Seu Sergio, não há sombra de dúvidas de que não estaria aqui redigindo essas palavras hoje.

Agradeço aos meus familiares que, mesmo não tendo ciência da ajuda que me proporcionaram, foram de extrema importância. O anseio pelo conhecimento que os membros da minha família têm me influenciou diretamente durante meu percurso científico, por isso agradeço ao Leandro, ao Marco Aurélio, ao meu tio Julio Eduardo e à minha tia Fabiola.

À Thamiris, minha irmã caçula, pela sensibilidade e sabedoria.

Aos laços criados durante minha trajetória na UFU, que também foram a base no meu cotidiano e uma rede de apoio exemplar. Sou grato a Julia, Daniel, Felipe Persch, Felipe André, Guilherme, Roger, Laura, João Tauffer. Rafael e Pedro Arthur que me acompanham desde minha primeira graduação em que passamos por muitos baixos, nesse momento de alta merecem ser lembrados e agradecidos. E tantos outros que indiretamente contribuíram para minha estabilidade emocional.

À minha companheira, Amanda, principal apoiadora nos momentos mais obscuros, com seus conselhos e orientações. Sou grato a todos as ocasiões em que me forçou a externar, a pessoa mais introspectiva de todas.

Ao meu mestre Guimes Rodrigues Filho, e ao grupo ao qual pertencço, Malta Nagoa de Capoeira Angola pelo acolhimento, que em diversos momentos foram de suma importância.

À minha orientadora Paula, pela paciência diante das conturbadas hesitações devido aos altos e baixos durante o processo instável que é a produção de pesquisa.

À DIASE, juntamente com a Universidade Federal de Uberlândia, pois, sem a contribuição financeira para minha permanência, não estaria prestes a me graduar.

Por fim, aos meus ancestrais.

Agradeço. Aróle.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo evidenciar a trajetória como tradutora de Ruth Guimarães Botelho (1920-2014). Justifica-se a escolha dessa intelectual pela possibilidade de demonstrar a riqueza que profissionais diaspóricos podem trazer através de uma visão decolonial. Como arcabouço teórico, esta pesquisa se utiliza de trabalhos que investigam relações de poder entre colonialismo e pós colonialismo, como Hall (1992; 2006) e Bassnett & Trivedi (2003), teorias de raça na sociedade brasileira, como Salgueiro (2007; 2014), e, ainda, Kilomba (2019), especialmente no que se refere ao recorte histórico do século XX, que é o período em que Ruth Guimarães viveu. Por meio do levantamento dos trabalhos realizados por Ruth como tradutora, focou-se em sua trajetória, buscando-se repensar paradigmas e conceitos, como, por exemplo, a relação de poder e inviabilização de pessoas afrodiaspóricas, acerca de seu lugar, com base nas abordagens pós-coloniais apresentadas. A conclusão a que se chegou foi que, devido à sua raça e gênero, Ruth foi mais uma vítima do epistemicídio criado e muito bem desenvolvido pelo sistema patriarcal branco brasileiro no campo do mercado acadêmico e editorial.

Palavras-chave: Ruth Guimarães; Tradução; pós-colonialismo.

Abstract

The main objective of this work is to highlight the trajectory of Ruth Guimarães Botelho (1920-2014) as a translator. It is justified by the possibility of demonstrating the richness that diasporic professionals can bring through a decolonial vision. As a theoretical framework, this research makes use of works that investigate power relations between colonialism and post-colonialism, such as Hall (1992; 2006), Bassnett & Trivedi (2003), theories of race in Brazilian society, such as Salgueiro (2007; 2014), and Kilomba (2019), especially with regard to the historical cut-off of the twentieth century, which is the period in which Ruth Guimarães lived. In order to achieve this goal, the methodology adopted was through a survey of Ruth's works, then from the survey focused on her trajectory and rethought paradigms and concepts in the face of her place based on the post-colonial approaches presented. The conclusion reached was that, because of her race and gender, Ruth was one more victim of the epistemicide created and very well developed by the hegemonic Brazilian system in the field of the academic and publishing market.

Keywords: Ruth Guimarães; Translation; post-colonialism.

Lista de Figuras

Figura 1 – Ruth Guimarães jovem.....	p. 16
Figura 2 – Ruth Guimarães, em 2008, recebendo o diploma de membro da Academia Paulista de Letras	p. 17
Figura 3 – <i>Histórias Fascinantes</i> . Honoré de Balzac.....	p. 21
Figura 4 – <i>O asno de ouro</i> . Apuleio	p. 21
Figura 5 – <i>Histórias Dramáticas</i> . Fédor Dostoiévski.....	p. 22
Figura 6 – <i>Buda e Jesus, diálogos</i> . Carrin Dunne.....	p. 22

Sumário

Introdução.....	8
Capítulo 1 – Materiais e métodos.....	11
Capítulo 2 – Ruth Guimarães, vida e obra.....	16
2.1 Ruth, tradutora.....	18
2.2 Traduções de Ruth.....	20
Capítulo 3 – Ruth, mulher pós-colonial do século XX.....	23
Considerações finais.....	29
Referências.....	30

Introdução

Assim como fora evidenciado por Adélia Mathias (2017), há uma carência, no Brasil, de traduções de textos literários e também de textos teóricos de autores vindos da diáspora africana. Além disso, os poucos trabalhos existentes são quase desconhecidos pela comunidade acadêmica. De acordo com Dennys Silva-Reis (2018) e Cibele de Guadalupe Sousa Araújo (2018), autores negros(as) são todos os descendentes do continente africano espalhados por diversas razões, como migração, exílio ou expatriação, para os mais diversos países, como Brasil, Haiti etc. Como essa falta de representatividade nas produções intelectuais desfavorece a diversidade epistêmica dentro da academia, o presente trabalho tem como foco debruçar-se sobre uma questão dentro deste tema. Assim, será abordado o processo de apagamento deliberado da memória do protagonismo negro diante do poder estabelecido, majoritariamente branco, no início do século XX.

Para tal análise e reflexão, será evidenciada e, por conseguinte, homenageada, a carreira da professora, jornalista, escritora, contista, romancista e tradutora Ruth Guimarães Botelho, sobretudo pela perspectiva de sua atuação como tradutora. A partir desta reflexão, tem-se o objetivo de demonstrar que a real questão da representatividade não é a falta de profissionais da área, e sim a inviabilização e invisibilidade destes, por uma questão política, pois, assim como Ruth, houve e há, no país, muitos tradutores afrodiaspóricos exímios, como, por exemplo, Lélia Gonzalez¹, *que teve por muito tempo essa profissão ignorada*.

Evidenciar a produção dessas mulheres, como Ruth Guimarães, é, além de tudo, um trabalho que se alinha a um pensamento decolonial, ao tirar o foco da hegemonia branca, mostrando a importância, inclusive, de tradutores negros, não apenas no campo étnico-racial, mas também como profissionais da tradução. Além da importância do ato de traduzir advindo da mulher negra, sabendo que o uso da escrita nunca é neutra e sempre emprega um tipo de performance (CARLSON,

¹ Nascida em 1935 em Belo Horizonte e falecida em 1994 no Rio de Janeiro, Lélia Almeida Gonzalez foi uma figura extremamente importante para o debate sobre as questões de raça, gênero e classe no Brasil. Filósofa, antropóloga, professora, escritora, militante do movimento negro e feminista precursora, teve seus ensaios reunidos na obra póstuma, de 2020, *Por um Feminismo afro-latino-americano*.

2010), a leitura destes textos é o momento em que se dá vida a estas vozes. Nas palavras de Silva-Reis e Araújo (2018):

Os textos de mulheres negras são a encenação de suas falas, verdadeiras performances linguísticas de seus corpos e vivências. Por isso, traduzir não é somente uma transposição de material linguístico de uma língua para outra, mas sim uma transvivência.

A luta política não é algo novo no campo dos Estudos da Tradução. Temos conhecimento de inúmeros tradutores e tradutoras que se aproveitaram da posição vantajosa que seus ofícios lhes permitiam na História e na Historiografia da Tradução e que se utilizaram de suas habilidades linguísticas para importar métodos e padrões políticos, científicos e literários, além de promover reflexões em variados campos do saber. Tirando proveito do senso comum de que seu ofício se dá de forma neutra e transparente, alguns tradutores puderam propagar, como um tipo de agente secreto, as mais diversas ideias, contribuindo grandemente para que pudessemos chegar ao ponto de desenvolvimento social e político que temos hoje em dia. Tendo em vista esse cenário, não há como ter qualquer outro tipo de conclusão que não seja a de que não há neutralidade na tradução. Para o bem ou para o mal, a inteligência de tradutores e tradutoras está a serviço de alguma força, seja ela cultural, seja ela política.

Traduzir, esse ato que ainda traz muitas questões e ambiguidades, continua por escapar muito da linearidade que tentam lhe atribuir. A Tradução tem o nobre efeito de dar voz aos silenciados e trazer desconforto aos que estão confortáveis demais às custas de uma minoria de poder, porém maioria em número. A confiança no poder que o ato tradutório traz com a poderosa ferramenta linguística é o que fomentou a ideia da elaboração deste trabalho. E a partir dessa ideia de quebrar o silêncio, trago uma história silenciada, esperando que, a partir desta, venham muitas outras.

Para que se possam compreender as ações do sistema, tanto acadêmico quanto editorial, brasileiro nas vidas dessas tradutoras, será feito um breve levantamento, na história, de alguns fatos acerca das mulheres no meio tradutório, para assim focar no espaço ocupado por Ruth Guimarães, que é o das mulheres negras na tradução brasileira.

O principal objetivo que este trabalho pretende alcançar é o de destacar a trajetória como tradutora profissional de Ruth Guimarães Botelho, mostrando, assim, a existência de profissionais negros/as competentes no século XX, para além do campo étnico-racial. E, como desdobramento, pretendemos desconstruir certos pensamentos comuns criados sobre a História da Tradução, assim como a supervalorização do tradutor, em sua maioria homens brancos de classe privilegiada.

Como continuidade a esta breve introdução, nos próximos capítulos será apresentada a literatura em que este trabalho se baseia e um panorama acerca da atuação de Ruth Guimarães como tradutora, para então mostrar como as informações obtidas conversaram com a fundamentação teórica e com a metodologia, levando às considerações finais.

CAPÍTULO 1 – Materiais e métodos

A partir do conhecimento da homogeneização da História da Tradução (ou historiografia, como também é conhecida esta área), acreditamos ser necessário valorizar tradutoras, principalmente negras, e mostrar todo o trabalho importante que realizaram em sua época, independentemente das dificuldades e barreiras impostas.

Tendo em vista a escassez de obras de autores da diáspora africana traduzidas para o português brasileiro como motivação, este trabalho é norteador pelos estudos das áreas do colonialismo e do pós-colonialismo para definir as relações de poder entre colonizador e colonizado, em obras como *A identidade cultural na Pós-modernidade*, de Stuart Hall (2006), que tem como propósito nos apresentar questões em relação ao conceito de sujeito e de identidade partindo da modernidade até o pós-modernismo.

A partir das teorias estabelecidas por Hall, o presente trabalho almeja refletir sobre se um sujeito pode ou não ser parcial no ato tradutório e se essa possível influência no momento da escrita é consciente. Para tanto, serão também base para reflexão os seguintes trabalhos: *Post-Colonial Translation* (BASSNETT; TRIVEDI, 2003), de onde será utilizado um importante conceito, a Teoria Pós-Colonial, que possibilita aos tradutores, a partir desta visão descolonizadora, enxergar certos detalhes das obras que antes eram desprezados, como, por exemplo, suposições de superioridade cultural, entre muitos outros; *Cultura e Imperialismo* (SAID, 2000), no âmbito linguístico, juntamente com a obra *Translation and Power* (GENTZLER; TYMOCZKO, 2002), para que essa relação entre língua e poder possa dialogar com os Estudos da Tradução.

Pretende-se, ainda, utilizar os trabalhos de Maria Aparecida Andrade Salgueiro para estabelecer certas características dos Estudos Afrodiaspóricos em relação direta com os Estudos da Tradução Contemporânea, em obras como *Identidade, Alteridade, e Problemas de Tradução Transcultural na Diáspora Africana* (SALGUEIRO, 2007), em que a autora parte dos conceitos de tradição e tradução descritos por Hall (1992) e destaca o papel decisivo que a tradução tem em relação a textos de autores africanos e da diáspora. Será utilizado também seu artigo

“Traduzindo Literatura da Diáspora Africana Para a Língua Portuguesa Do Brasil: o Particular, o Pós-Colonial e o Global” (SALGUEIRO, 2014), em que apresenta uma breve reflexão sobre como o “sujeito negro” se traduz em diferentes espaços geográficos, sendo aqui analisados os espaços lusófonos, na discussão, principalmente, quanto às questões coloniais e pós-coloniais.

Outra obra que guiará este trabalho será *What is this 'black' in Black Culture/Diaspora?* (SILVA-REIS, 2018), que discute as relações entre os Estudos da Tradução e os Estudos da Diáspora Negra, defendendo a importância de tradutores na internacionalização de textos de interesse das populações negras, ao delimitar o que afeta as editoras no momento de escolher obras da hegemonia em vez de fomentar o mercado de textos de autoria negra.

Cabe ressaltar que a palavra *diáspora* foi usada pela primeira vez para designar a deserção involuntária em massa de um grupo de pessoas para evitar algum tipo de abuso de uma maioria. Com o avanço do pós-colonialismo, os estudos sobre este movimento foi aprofundado, recebendo até mesmo uma linha de pesquisa própria, os chamados Estudos da Diáspora, com algumas linhas de pensamento que se convergem em relação à aplicação do termo. Uma das maneiras de pensar diáspora, e que será aqui levada em consideração, é a de Khachig Tölölyan (2017):

O primeiro e mais simples desses pares de binários é dispersão e diáspora. Se eu estivesse fundando a revista hoje, seu subtítulo poderia ser “uma revista de estudos sobre a dispersão”. “Dispersão” é o termo mais geral e inclusivo, ao passo que “diáspora” é simplesmente um dos diversos tipos de dispersão, de modo que, numa curiosa inversão, se tornou uma sinédoque, a parte — diáspora — no lugar do todo.

A partir dessa vasta literatura sobre o tema, surgiram ramificações, e uma destas é a diáspora do Ocidente (HALL, 2006), em cujo recorte temos a diáspora negra que se deu em dois movimentos históricos, como bem descreve Nei Lopes (2011):

Diáspora Africana compreende dois momentos principais. O primeiro, gerado pelo comércio de escravos, ocasionou a dispersão de povos africanos tanto pelo Atlântico quanto pelo oceano Índico e mar Vermelho, caracterizando um verdadeiro genocídio, a partir do século XV – quando talvez mais de 10 milhões de indivíduos foram

levados, por traficantes europeus, principalmente para as Américas. O segundo momento ocorre a partir do século XX, com a emigração, sobretudo para a Europa, em direção às antigas metrópoles coloniais.

Parte-se do problema, pois, de o senso comum acreditar ainda no protagonismo da branquitude, cujos sujeitos seriam os únicos capazes intelectualmente de realizar traduções de qualidade. A provável causa disto seria como tem sido realizada a historiografia da tradução até o momento, com todos os autores seguindo o método utilizado pela pioneira no tema, Lia Wyler (1995; 2003). Silva-Reis (2021) discorre sobre essa questão:

Se, por um lado, a pesquisa de Wyler foi bastante importante para abrir “o caminho das pedras” aos construtores da História da Tradução no Brasil, por outro lado, sua contribuição, bem como a daqueles que seguiram o método panorâmico de história da tradução, homogeneizou a história da Tradução no Brasil. As consequências disso foram: (1) uma supervalorização do protagonismo masculino de agentes da tradução, em sua maioria homens brancos da elite; (2) uma estereotipação do ofício do intérprete como se fosse exercido só por indígenas e portugueses no Brasil Colônia e só por brancos no século XX, estes últimos notadamente como intérpretes de conferência; (3) a oficialização de uma história da tradução geograficamente hegemônica em que o Norte do Brasil (sete estados, a saber, Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins) e o Centro-Oeste brasileiro (quatro estados, a saber, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal) não participam e nem são mencionados; e em que o Sudeste (quatro estados, a saber, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo) e o Sul (três estados, a saber, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) são os responsáveis pela tradução e sua história no país.

No Brasil, tem se mostrado bastante presente uma discussão sobre como devemos olhar e repensar a história da historiografia, como ela deve ser analisada, com o intuito de modificar certos paradigmas instaurados. Todo esse debate tem sido levantado cada vez mais a partir do pioneirismo de Valdeci Lopes de Araújo (2006; 2013; 2014).

Porém, essa análise da história da historiografia omite o protagonismo de pessoas que sejam não brancas masculinas, como deixam explícito Assunção e Trapp (2021) na seguinte colocação:

a verdade é que, em grande medida, este campo foi construído tendo como base uma espécie de geopolítica do conhecimento – para remetermos à tradição decolonial em Anibal Quijano, Enrique Dussel e Nelson Maldonado Torres – omissa com sujeitos sociais outros que não o branco, europeu, ocidental, masculino. Tal fato é ainda mais grave quando pensamos a ausência de discussão sobre as problemáticas raciais no âmbito dos diversos “giros”, os quais continuamente se mostram cegos a um debate que ganhou tanta força em outros subcampos da História.

Com base em tal necessidade, esta pesquisa seguirá contando a história de Ruth Guimarães sob o viés de seu importante trabalho como tradutora no século XX, para que, a partir deste ponto, possa ser feita uma análise mais fundamentada sobre questões étnico-raciais e sobre a inserção no mercado editorial de tradutores negros. Busca-se, assim, evidenciar o apagamento deste grupo do conjunto de tradutoras e tradutores do século XX que contribuíram com relevantes obras, apesar da escassez na disponibilidade de fontes documentais, que justamente legitimam o deliberado processo de apagamento da memória do protagonismo negro ante o poder estabelecido, majoritariamente branco.

Dietze (2006) diz que teóricos e críticos pós-coloniais devem não só focar nos alvos do sistema de exclusão social que o racismo estrutural agride, mas também se deve dar atenção a estas estruturas racistas que beneficiam uns em detrimento de outros por meio de diferentes violências imperceptíveis que o sistema proporciona. E é com essa crítica de Dietze em mente que este trabalho desenvolverá a relação de Ruth com o meio da tradução e os motivos pelos quais ela é tão pouco citada e suas produções tão escassamente divulgadas.

Será feito um levantamento de algumas obras de autoria de Ruth, acerca de autores clássicos, e que contribuíram muito para sua propagação ao público brasileiro na época. Por conta dessa contribuição, Ruth Guimarães foi de suma importância para a história da tradução, pois, em um momento em que não se tinha traduções de muitas obras que não fossem originalmente do inglês e especialmente do francês – línguas difundidas em grande parte da primeira metade século XX ao redor do mundo – ocorrendo, com frequência, a tradução indireta de idiomas não hegemônicos, Ruth realizava inúmeras traduções diretas do russo, grego e latim,

além do francês, o que por si só já não era muito comum em sua época, ainda mais para uma mulher negra de origem simples.

Assim, olhar para a sua trajetória e repensar paradigmas e conceitos diante de seu lugar, a partir das abordagens aqui escolhidas, é o objetivo deste trabalho.

CAPÍTULO 2 – Ruth Guimarães, vida e obra

Nascida em Cachoeira Paulista, interior do estado de São Paulo, em 13 de junho de 1920, Ruth Botelho Guimarães, além de poeta, romancista, contista, cronista, jornalista e teatróloga, consagrou-se como tradutora e pesquisadora da literatura oral no Brasil. Além de tudo isso, deu aulas de Língua Portuguesa por mais de 30 anos em escolas da rede pública de São Paulo.

Figura 1 - Ruth Guimarães jovem



Fonte: <http://institutoruthguimaraes.org.br>

Revelou-se poeta ainda bem nova, e aos dez anos de idade já publicava seus primeiros versos nos jornais *A Região* e *A Notícia*, ambos de circulação local. Aos dezoito anos, mudou-se para a capital paulista a fim de prosseguir seus estudos na USP, onde concluiu o curso de Filosofia e, mais tarde, de Letras Clássicas. Coursou também Folclore e Estética.

Colaborou com a imprensa paulista e carioca durante anos, escrevendo colunas, e manteve também uma seção permanente de literatura em uma revista gaúcha, *Revista do Globo*, onde resenhava livros e onde publicou seus primeiros textos literários e traduções. Escreveu, também, crônicas e críticas literárias nas páginas de *Correio Paulistano*, *A Gazeta*, *Diário de São Paulo*, *Folha de Manhã* e *Folha de São Paulo*. É, no entanto, como romancista que Guimarães consegue projeção nacional.

Em 1946, publica *Água Funda*, obra aplaudida por intelectuais de peso como Nelson Werneck Sodré e Antonio Candido, que assina o prefácio da segunda edição. Para o crítico, "Ruth Guimarães nos prende porque tem a capacidade de representar a vida por meio da ilusão literária, graças à insinuante voz narrativa que inventou". Foi a primeira escritora negra a ser empossada na Academia Paulista de Letras (Cadeira 22 - Eleita em 5 de junho de 2008). Ruth Guimarães também integrou importantes entidades culturais, como o Centro de Pesquisas Folclóricas Mário de Andrade e a Sociedade Paulista de Escritores.

Ruth passou a infância na fazenda Campestre, que o pai administrava, local hoje pertencente ao município de Pedralva, no sul de Minas Gerais. Ali, conviveu com as famílias de peões e colonos e recolheu muitas histórias. Com a avó, aprendeu as tradições indígenas e africanas, conhecimento esse que teve grande influência em seus trabalhos, já que ela escrevia principalmente sobre a temática folclórica e os saberes tradicionais. Seu sucesso na escrita, portanto, veio em grande parte deste conhecimento adquirido pela avó.

Já em São Paulo, decidiu recontar essas histórias, segura de que tinha em mãos o tesouro da tradição oral do povo que amava. Jovem atrevida, reuniu os contos de assombração, duendes e pequenos demônios, como o saci, a mula sem cabeça e o lobisomem, e foi procurar Mário de Andrade. O mestre a recebeu, elogiou, corrigiu e orientou-a nas técnicas de pesquisa folclórica, entre 1942 e 1944. Mário de Andrade não viu o livro pronto, porque morreu em 1945 e a obra saiu depois de *Água Funda*, em 1950, com o título de *Os filhos do medo*.

Figura 2 - Ruth Guimarães, em 2008, recebendo o diploma de membro da Academia Paulista de Letras



Fonte: <http://institutoruthguimaraes.org.br>

Assim, pode-se dizer que, como escritora, Ruth foi pioneira em diversos setores de sua carreira, teve grandes feitos, foi reconhecida por diversos nomes renomados, porém, não apenas como contadora de histórias ela foi genial, teve uma vida multifacetada onde conseguia ser bem sucedida em tudo a que se propusesse realizar. Foi o caso da carreira jornalística e, claro, a carreira de tradutora. Em ambas as vertentes não teve o devido crédito, não tendo sido devidamente notada por seus contemporâneos.

2.1 Ruth, tradutora

Diversos trabalhos escritos por pesquisadores diaspóricos dos Estados Unidos, no início do século XX, reafirmam o mito de que no Brasil não existem tensões raciais, um aspecto de democracia racial onde a raça não definia o mérito individual (GUIMARÃES, 2002). Isso se deve muito ao sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre, que introduziu o conceito de Democracia Racial, baseando-se no mito das três raças e na ideia de que a mistura e a mestiçagem solucionariam a relação intrínseca, na sociedade brasileira, de senhor e servo.

A ideia de um país mestiço, sem linhas de cor, barreiras raciais que pudessem impedir a ascensão de alguém de cor, foi fortemente difundida no âmbito internacional como um diferencial do Brasil, enquanto outras nações recém libertas da escravização enfrentavam seus conflitos internos por conta da raça. O Brasil,

portanto, teria uma raça oficial, não existiria branco ou preto, apenas o mestiço. Isso tudo com o intuito de se criar uma identidade nacional forte.

A partir de 1945, durante a Nova República, esses ideais de democracia racial entram em declínio por conta de organizações negras que tornaram públicas discussões em torno das tensões raciais no Brasil, que até então eram veladas. Quebrou-se assim o silêncio estratégico da hegemonia brasileira, trazendo à luz a forma como o racismo operava no país e as inconsistências da democracia racial.

É claro que as mulheres negras são marginalizadas em diversos âmbitos sociais, portanto, no nicho da Tradução não seria diferente. Sempre houve uma invisibilidade destas mulheres em todos os cenários. Nos movimentos feministas, por exemplo, no início dos anos 1980, como aponta a escritora afroamericana bell hooks² (2019), mulheres negras jovens desafiaram o racismo branco. Antes deste confronto, o movimento era marcado, segundo hooks (2019), por mulheres brancas que gozavam de privilégios de classe e que "rapidamente se declararam 'detentoras' do movimento, colocando as mulheres brancas da classe trabalhadora, brancas pobres e todas as mulheres não brancas como seguidoras".

Criou-se, assim, uma necessidade de se discutir a respeito do racismo dentro destes movimentos feministas e, a partir disso, surgiram outras questões, como a discrepância entre raça e gênero, o que tornou ainda mais intenso o cenário de opressão dupla que as mulheres negras sofriam em relação às mulheres brancas.

Importante ter em vista que era este o contexto histórico em que Ruth Guimarães está inserida, e a partir daí se pode perceber o quanto ela precisou se empenhar para conseguir publicar seus textos, e também o motivo de não se saber amplamente a respeito de seu acervo de traduções.

Ainda em relação a tal contexto, Seyferth (1996) declara:

Em 1877 foi instituído o primeiro curso de Antropologia Física no Museu Nacional [...] essa ciência tinha como premissa a desigualdade das raças e construir hierarquias baseadas na superioridade da "raça branca" e na inferioridade das raças de cor. (SEYFERTH, 1996, p. 48)

² Segundo a autora, seu nome deve ser escrito em letra minúscula mesmo, representando seu desejo de dar destaque ao conteúdo de sua escrita e não à sua pessoa.

A partir do trecho acima, podemos perceber o quão intrínseco é esse racismo estrutural do qual ouvimos falar hoje em dia por toda parte. Sempre foi de interesse do Estado viabilizar o branqueamento do povo brasileiro a todo custo para diluir a etnia negra, visando, assim, obter maior credibilidade internacional, principalmente pela via econômica, a partir do ponto de vista preconceituoso de que o negro seria desqualificado para o trabalho não escravagista, ou seja, o trabalho livre.

Podemos comprovar tais colocações por meio do trabalho de Nina Rodrigues que, nesse sentido, diz que toda questão social de miséria e pobreza é de responsabilidade do povo preto, e não do governo. Soma-se isso ao darwinismo e ao arianismo da época, que estava em seu auge na Europa, e temos a equação perfeita para a elaboração de um sistema excludente e racista no final do século XIX e início do século XX. Com isso em mente, podemos pensar acerca do momento histórico em que Ruth viveu, e a partir disso podemos considerá-la uma mulher pós-colonial, afinal, mesmo com todos os obstáculos impostos para sua classe, sua raça e gênero, ela conseguiu ascender academicamente e profissionalmente.

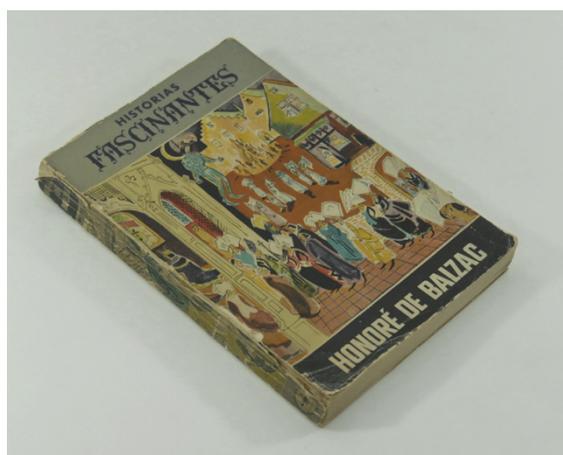
2.2 Traduções de Ruth

A seguir, uma relação das obras traduzidas por Ruth Guimarães e seus respectivos anos de publicação – é possível que não se trate de uma lista exaustiva de sua produção tradutória, visto a provável existência de traduções dispersas e/ou não catalogadas, algo bastante comum tendo em vista o contexto aqui já descrito – e algumas imagens de exemplares das obras traduzidas por Ruth no decorrer de sua carreira como tradutora.

Obra	Autor	Ano	Editora
<i>Histórias Fascinantes</i>	Honoré Balzac	1960	Ediouro
<i>O asno de ouro</i>	Apuleio	1963	Editores Cultrix
<i>Histórias Dramáticas</i>	Fiódor Dostoiévski	1966	Edições de Ouro
<i>Contos de Dostoiévski</i>	Fiódor Dostoiévski	1985	Editores Cultrix

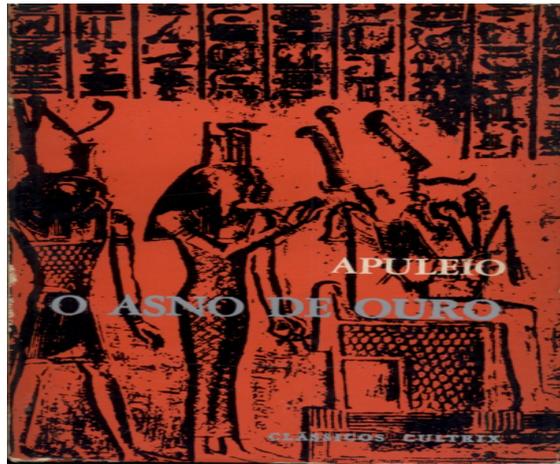
<i>Contos de Alphonse Daudet</i>	Alphonse Daudet	1986	Editora Cultrix
<i>Contos de Balzac</i>	Honoré Balzac	1986	Editora Cultrix
<i>Os Melhores Contos de Alphonse Daudet</i>	Alphonse Daudet	1987	Círculo do Livro
<i>Os Melhores Contos de F. Dostoievski</i>	Fiódor Dostoiévski	1987	Círculo do Livro
<i>Os Melhores Contos de Balzac</i>	Honoré Balzac	1988	Círculo do Livro
<i>Buda e Jesus, diálogos</i>	Carrin Dunne	1989	Editora Cultrix

Figura 3 - *Histórias Fascinantes*. Honoré de Balzac



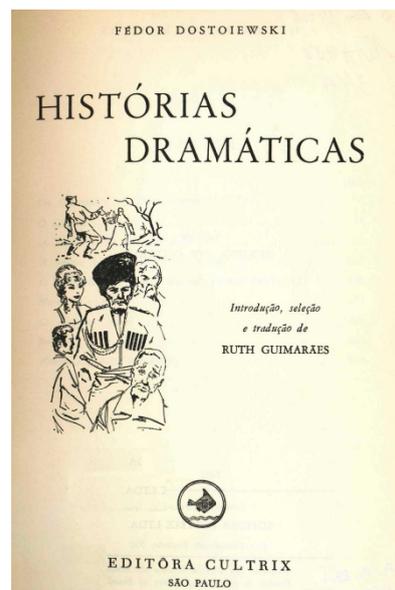
Fonte: Google Imagens

Figura 4 - *O asno de ouro*. Apuleio



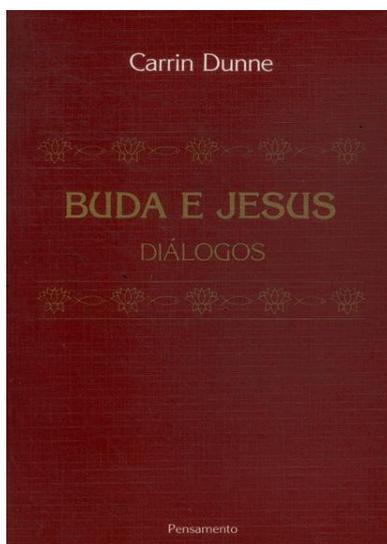
Fonte: Google Imagens

Figura 5 - *Histórias Dramáticas*. Fédor Dostoiévski



Fonte: Google Imagens

Figura 6 - *Buda e Jesus, diálogos*. Carrin Dunne



Fonte: Google Imagens

CAPÍTULO 3 – Ruth, mulher pós-colonial do século XX

Quando falamos do discurso sobre o racismo, é importante considerar que “mesmo na ordem do discurso verdadeiro, mesmo na ordem do discurso publicado e livre de qualquer ritual, se exercem ainda formas de apropriação de segredo e de não permutabilidade” (FOUCAULT, 1970, p. 15), ou seja, existem relações racistas que se mantêm intactas por conta de certos benefícios que causam em alguns em detrimento de outros, portanto, há a manutenção desse sistema confortável, que é sempre remanejado e restabelecido.

E é nesse contexto apresentado anteriormente que Ruth Guimarães Botelho cresce e se alfabetiza. Pode-se dizer que, dentro desse sistema que inviabiliza a ascensão de pessoas afrodiáspóricas, ela foi exceção em seu recorte social. Com

isso a consideramos uma mulher pós-colonial, pelo fato de sua existência e o espaço que ocupa serem fortemente contrários a tudo que o sistema colonial constrói.

O registro de seu primeiro poema se dá no auge do regime autoritário da Era Vargas, uma das épocas menos vantajosas para essa mulher negra do interior conseguir alcançar qualquer objetivo que fosse. Como ela mesma dizia em suas entrevistas, sofreu três vezes em sua vida: primeiro, por ser mulher; segundo, por ser negra; e terceiro, por ser caipira.

Quando temos na história pessoas como Ruth, que fogem à regra, percebemos o motivo de seu apagamento. Ela não poderia exercer os ofícios que exercia, e há diversas razões que são herdadas dos tempos da escravização, como diz Cunha Júnior, uma vez que, no desenvolvimento econômico do país, “a população africana e afrodescendente não tinha importância na história brasileira, a não ser braçal” (2012, p. 160), onde qualquer possibilidade de se reconhecerem as qualidades do negro e de suas contribuições no processo produtivo era marginalizada pelos teóricos escravocratas que difundiam concepções afirmativas da inferioridade racial advindas de suas peculiaridades históricas (CONRAD, 1975, p. 191). Seguindo tal linha de raciocínio, Ruth Guimarães jamais seria capaz de traduzir obras em língua tida como tão culta e elitizada, como era o francês, ou de pouco acesso até mesmo pela aristocracia brasileira, como era o russo.

Acredito ser de grande valia mencionar que Ruth não viveu como uma ativista do movimento negro, não obteve notoriedade na escrita falando exclusivamente da cultura africana. Muito pelo contrário, como podemos ver anteriormente, seus pares linguísticos eram os mais eurocêntricos possíveis. Dados esses fatos, pode-se afirmar que não é necessário ser engajado em nenhum movimento para que seja um agente da causa. Afinal, mesmo que ela tenha aprendido a língua do colonizador, que ela se vestisse como o colonizador, que falasse da forma que eles falavam, ela continuaria sendo uma mulher negra, e apenas esse fato a faz uma ativista; quaisquer ações que ela realizasse seria sempre a mulher negra as realizando. Almeida corrobora com esse pensamento neste trecho a seguir:

Do ponto de vista da estrutura de poder criada com o colonialismo, as pessoas negras tiveram de se movimentar em uma realidade definida por outrem, com a narrativa de sua história definida apenas a partir da sua relação com os sujeitos definidos como tal socialmente – ou seja, os brancos. (ALMEIDA, 2019, p. 201)

A teoria pós-colonial, também chamada de pós-colonialismo, não é uma área única com uma linha de pensamento homogênea. De uma forma geral, é a visão de que as relações de poder estabelecidas entre um império e sua colônia influenciaram tanto no passado, e está tão intrínseca nas culturas, que influenciam até os dias de hoje. Vale ressaltar também que as abordagens pós-coloniais, além de analisar essas relações de poder, também se propõem a investigar como foram construídas tais relações, sob aspectos tais como identidade nacional, identidade de gênero e supremacia étnico-racial. Ao focalizar a figura de Ruth Guimarães e sua trajetória, o presente trabalho se debruça, principalmente, sobre as questões étnico-raciais e de gênero, levando em consideração a interseccionalidade que cabe neste último.

Kilomba (2008) diz que o racismo se transmite a partir de três características diferentes e simultaneamente. A primeira se dá a partir da diferenciação do outro, pois, a partir do momento em que as pessoas são notadas como diferentes perante um todo, estas passam a assumir essa diferença e a agir de acordo, como se fosse o natural, afinal, o diferente deve ser tratado como tal, já que não há nada de errado nisso. A segunda é a criação e a manutenção de sistemas que valorizam as tais diferenças. E, por último, é dado valor e voz a discursos preconceituosos de épocas anteriores, para que se legitimem os discursos sociais e econômicos.

O sistema mostrado por Kilomba é perfeitamente aplicável a Ruth no momento em que ela não tem o mesmo reconhecimento no mercado tradutório que outros profissionais, mesmo tendo realizado trabalhos de grande valor que dificilmente seriam realizados em um momento em que havia uma escassez de conhecedores dos idiomas com os quais ela trabalhava, visto que os pares linguísticos de seu domínio, no Brasil, eram conhecidos por não muitos. São esses fatores que permitem evidenciar as características descritas por Kilomba, pois a diferenciação de Ruth em relação a outros profissionais, como Haroldo de Campos, Ivo Barroso, Augusto de Campos e Paulo Rónai, seus contemporâneos, é apenas uma, a cor da pele. Todos esses tradutores têm grandes contribuições para o

mercado editorial brasileiro, porém, a segunda característica trazida por Kilomba se dá a partir da diferenciação, que é a manutenção do sistema. Com o passar do tempo, diferentes motivos são criados e ensinados para que o ser diferente seja sempre diferente e tratado como tal e assim. E, desse modo, mesmo 60 anos após a primeira grande tradução de Ruth Guimarães direta do latim, esta não é amplamente citada, pois a manutenção dessa diferenciação a mantém em lugar de invisibilidade. E, por último, tem-se a terceira característica, dar valor a discursos preconceituosos de antepassados, que é o principal fator nesse caso. Afinal, foi nos tempos da escravização que foi criada essa diferenciação pela cor de pele, e a partir dela todo um sistema autoimune que se renova de tempos em tempos.

Além dessa via de que o sistema se utiliza, existem outras formas que corroboram o silenciamento, uma das mais importantes é o epistemicídio (SILVA, 1995), que foi essencial para a consolidação do colonialismo. Enquanto os passos de Kilomba desmontam o ser que jaz dentro dos seres colonizados, o epistemicídio gira em torno da morte simbólica, apagando saberes dos povos, principalmente como língua e religião. Carneiro (2005) elabora um pouco mais essa questão do apagamento:

um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima (sic) pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. (CARNEIRO, 2005, p. 97)

Esse processo apresentado por Carneiro está diretamente relacionado ao silenciamento que Ruth Guimarães sofreu e ainda sofre após sua morte. Com a deslegitimação de seu trabalho, ela foi uma vítima desse mecanismo de poder que dita de diversas formas quem são os sujeitos produtores de conhecimento; por meio

do controle desse saber, os detentores desse poder definem os verdadeiros sujeitos na sociedade em que o colonialismo predomina.

A mulher negra foi representada desde a colonização sempre pelo prisma colonial, portanto marcada pela violência física e mental e pelo silenciamento. Desde meados do século XIX, a ciência tenta legitimar esses maus tratos através da inferiorização intelectual, juntamente com a perversidade da criação de políticas públicas que se alinhasssem a esse pensamento.

As representações das mulheres negras desde a colonização têm sido caracterizadas pelo empreendimento colonial e toda a marca de violência, silenciamento e aniquilação física e simbólica nele envolvida. Desde o fim do século XIX, estão envoltas por um discurso científico que pressupõe e prega a inferioridade inata dessas mulheres, com reflexos perversos sobre a formação de políticas públicas. O apagamento dos sujeitos negros no campo da cultura, de forma específica, compreende diversos processos epistemicidas, na medida em que não apenas, desde então, tem deslegitimado os saberes oriundos dos muitos povos africanos, como também tem invisibilizado a diversidade existente entre eles. É comum, por exemplo, a concepção errônea de África como um país único.

Agora trago aqui uma reflexão sobre a ironia que é esse apagamento de corpos negros da História da Tradução. Além da visão jakobsoniana da tradução, surgiu uma expansão enxergando uma dialética na intersemiótica de Jakobson, onde, a partir dos sentidos, ocorrem outras possibilidades tradutórias com o envolvimento de dois ou mais signos – Plaza (2010) é quem nos traz essa nova forma de ver a tradução. Através desse ponto de vista, nota-se que, para além da leitura e da interpretação de textos, a vivência afrodiáspórica é por si só um ato tradutório. Estamos falando de tradução quando, com base nas experiências vividas com povos africanos distintos, somadas à trajetória traumática de um continente para outro e às opressões sofridas na América, tudo isso é adaptado e trazido para solo brasileiro. Quando estes ancestrais chegam na América, inserem a amálgama de saberes e tradições que são solidificadas na Diáspora, tornando-se a cultura brasileira. Tal ato é puramente tradutório, partindo da visão contemporânea de Plaza.

Em outras palavras, a tradução se dá a partir do corpo negro que traz sua cultura em memória e a recria em solo brasileiro, contribuindo e assim recriando um outro modo de viver que chamamos hoje de cultura brasileira. Alguns preferem chamar de cultura afrobrasileira, com a intenção de marginalizar e silenciar qualquer manifestação que remeta à África, seja música, expressão religiosa ou cultural. Ainda assim, a base de nossa cultura é massivamente influenciada pelos escravizados que aqui viveram, assim como pelos indígenas também.

E são muitas as contribuições que essa tradução trouxe, como, por exemplo, o quilombo que, muito mais que político e territorial, torna-se uma expressão linguística que Beatriz Nascimento nos apresenta (2014); ou o "pretuguês", como denominou Lélia Gonzalez, ao mostrar a influência africana no português brasileiro (1984), com regras e flexões próprias que foram incorporadas do quimbundo e não seguiram as normas da colônia. Através do prisma decolonial, temos um leque muito mais diverso e interessante que é marginalizado por conta de suas origens. Pensar o ato tradutório como sendo um momento de enunciação, é uma forma de reconhecer que ele vai além de passar um texto de um idioma para outro.

O trecho a seguir é mais uma perspectiva que se agrega à questão tradutória sob o viés afrodiaspórico:

Ao se falar em tradução, é imprescindível, nessa perspectiva, resgatar a figura sagrada, mítica, iorubana do orixá Exu (Laroyê!). Exu – a boca que tudo come e a boca que tudo fala – vai do Orun ao Aiyê, que ouve o que se passa nas casas e nos mercados, que traz em si o passado, o presente e o futuro. Exu é o tradutor paradigmático. (ALMEIDA, 2019, p.196)

A partir do que Almeida diz, podemos ver com clareza – e concluo aqui a reflexão – que a Tradução não é um lugar exclusivo da branquitude, pois não é só um espaço que é bem vindo, mas devido, ao povo negro. Devemos, portanto, todo o

reconhecimento à Ruth Guimarães Botelho, pois, como ela mesma disse, sofreu o tempo todo três vezes mais, por sua raça, gênero e origem.

E ainda sobre o rompimento de certos silenciados, para o qual este trabalho tentou contribuir, diz mais uma vez Almeida:

Falar de palavras e letras e sons e cores que provocam transparências e rompem silêncios é dizer também dos muitos corpos e vidas silenciadas, enfatizando como já passou do tempo desse silêncio se romper. Trata-se, por fim, de falar de corpos múltiplos em diferentes circunstâncias, de múltiplas e diversas marcas no mundo. (ALMEIDA, 2019, p.197)

Considerações Finais

Buscamos refletir, no decorrer deste trabalho, acerca da questão racista estruturada no campo acadêmico e editorial, tendo a análise fundamentada no pensamento negro e decolonial. Partindo desta linha de pensamento e por meio dos métodos adotados, chegamos à reflexão de que indivíduos que prestam seus serviços como tradutores não apenas interpretam os significados variantes através de cenários sociais diferentes: eles criam novos conhecimentos em espaços

nebulosos, logo, são mediadores do poder em lugares em que a língua é uma fronteira e estão no papel de organizar essas relações de poder.

O ato tradutório é uma prática, antes de mais nada, política, desde os primeiros tradutores em tempos remotos em África, quando, por exemplo, Timbuktu³ cresceu tanto que viu ser necessário se comunicar com outra cidade para realizar transações comerciais. Enfim, conhecimentos científicos, doutrinários, culturais são transmitidos atravessam eras e nações por meio dos tradutores, eles são os facilitadores. Portanto, ter o conhecimento deste papel político importante é fundamental para se iniciar uma discussão decolonial a respeito de como os tradutores devem agir, pois, como foi apresentado no presente trabalho, os detentores do poder sabem e inviabilizam, invisibilizam corpos que ameaçam a hegemonia. Ruth Guimarães foi mais uma voz tradutora silenciada. Focar em sua figura teve a intenção de trazer discussões e representações não hegemônicas para que, com o tempo, sejam rompidas as narrativas de um só grupo dominante, dos discursos únicos de uma só cor.

Dentro das dificuldades encontradas para a coleta de dados, a principal, e a já esperada, foi a escassez de obras traduzidas de Ruth Guimarães à disposição em acervos.

A partir dos resultados deste estudo, há o objetivo de continuar com a discussão sobre a identidade nacional de corpos negros e as relações de poder, sempre com o objetivo de desfazer o silêncio, o qual muitas vezes também a tradução viu recair sobre si.

Referências

ALMEIDA, V. L. O corpo feminino negro tradutor: a construção de narrativas nacionais na diáspora. *In*: HARDEN. A. R. O., HAMILTON N. D. **Tradução como prática de resistência e inclusão: vozes femininas negras**. Brasília: Editora da UnB, 2021, p. 191-224.

ALMEIDA, V. L. **A luta pela justiça racial e reprodutiva: o corpo negra tradutora e o corpo política**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2020.

³ Timbuktu ou 'Timbuctu' fazia parte do poderoso império do Mali, que controlava o lucrativo negócio do sal por ouro em toda a região, estando ligada à cidade de Jené através do comércio do sal, de cereais e do ouro.

ASSUNÇÃO, M.; TRAPP, R. É possível indisciplinar o cânone da história da historiografia brasileira? Pensamento afrodiaspórico e (re)escrita da história em Beatriz Nascimento e Clóvis Moura. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 41, n. 88, 2021.

BASSNETT, S.; TRIVEDI, H. (Ed.). **Post-Colonial Translation: Theory and Practice**. London: Routledge, 2003.

CARLSON, M. **Performance: uma introdução crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CARNEIRO, A. S.. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2021.

CONRAD, T. **Os últimos anos da escravidão no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

CUNHA, J. Quilombo: patrimônio histórico e cultural. **Revista Espaço Acadêmico**. n. 129. a. 11. fev. 2012. p. 158 – 157.

DIETZE, G. Critical Whiteness Theory und Kritischer Okzidentalismus. Zwei Figuren hegemonialer Selbstreflexion. In: Tißberger, M.; Dietze, G.; Hrzán, D.; Husmann-Kastein, J.: Weiß – Weißsein – Whiteness. **Kritische Studien zu Gender und Rassismus**. Frankfurt am Main: Verlag Peter Lang, 2006.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Paris: College de France, 1970.

GENTZLER, E.; TYMOCZKO, M. **Translation and Power**. Amherst: University of Massachusetts Press, 2002.

GONZALES, L. **Por um Feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GUIMARÃES, R. **Água Funda**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1946.

GUIMARÃES, A. S. A. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Ed.34, 2002.

GUIMARÃES, A. S. A. Depois da democracia racial. **Tempo Social** – Revista de Sociologia da USP, v. 18, n. 2, 2006, p. 269-287.

GUIMARÃES, A. S. A. Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra de São Paulo e Rio de Janeiro, 1925-1950. **Revista Afro-Ásia**, n. 29/30, 2003, p. 247-269.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HALL, S. What is this “Black” in Black Popular Culture?. In: DENT, Gina (Org.) **Black Popular Culture**. Seattle: Bay, 1992.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação** – Episódios de racismo cotidiano. Trad. de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOPES, N. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

MATHIAS, A. Caminho das águas: confluências entre literatura e religiões afro-brasileiras. **Revista Calundu**, v. 1, n. 1, Universidade de Brasília, 2017.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Trad. de Renata Santini. São Paulo: n.1. edições, 2018.

MUNANGA, K; Gomes, N. L. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.

PLAZA, J. **Tradução intersemiótica**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

NASCIMENTO, M. B.. O Conceito de Quilombo e a Resistência Afro-brasileira. In NASCIMENTO, E. L. **Cultura em Movimento: Matrizes Africanas e Ativismo Negro no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2014.

SAID, E. **Cultura e Imperialismo**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SALGUEIRO, M. A. A. Identidade, Alteridade, e Problemas de Tradução Transcultural na Diáspora Africana. **XII Seminário Nacional Mulher e Literatura e III Seminário Internacional Mulher e Literatura**. UESC, 2007. Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/mesas.html>. Acesso em: 03 fev. de 2022.

SALGUEIRO, M. A. A. Traduzindo literatura da diáspora africana para a língua portuguesa do Brasil: o particular, o pós-colonial e o global. **Cadernos da Tradução**, Florianópolis. n. especial. p. 262-276, 2014.

SANTOS, B. S. **Pela Mão de Alice**. São Paulo: Cortez, 1995.

SEYFERTH, G. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MAIO, M.C.; SANTOS, R.V. (orgs.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCBB, 1996, p. 41-58.

SILVA-REIS, D. Etno-historiografia da Tradução: O caso das populações negras no Brasil. In: LIMA, E. et al. **E por falar em Tradução**. Bauru: Canal 6 Editora, 2021.

SILVA-REIS, D.; BAGNO, M. Os intérpretes e a formação do Brasil: os quatro primeiros séculos de uma história esquecida. **Cadernos de Tradução**. v.36. n.3. Florianópolis: Universidade de Santa Catarina, 2016.

SILVA-REIS, D.; ARAÚJO, C. Estudos da Tradução e Estudos de Diáspora Negra: um itinerário brasileiro. **Revista da ANPOLL**. v. 1 n. 44. p. 83-99, 2018.

TÖIÖYAN, Khachig. Estudos da Diáspora: Passado, Presente, Promessa. **Translatio**, Porto Alegre, n. 13, p. 22-39, jun. 2017.

WYLER, L. **Línguas, Poetas e Bacharéis** – uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

WYLER, L. **A tradução no Brasil**: ofício invisível de incorporar o outro. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.